

Nelio Rodrigues

Dificuldade dos peemedebistas é com eles mesmos

A maior dificuldade do PMDB não é a de negociar com o PFL, mas com o próprio PMDB. Se fosse para fazer acordo com o PFL para votar o regimento interno da Assembléia Constituinte, meia hora bastaria. As lideranças do PMDB estão mais preocupadas em preservar a tese da soberania da Constituinte e as posições dos seus «setores progressistas».

Foi esta a explicação de líderes do PMDB, em conversas informais com o presidente do partido e da Constituinte. Disseram a Ulysses Guimarães que o eventual entendimento com o PFL, não poderia ser feito à custa do sacrifício do «grupo pró-soberania» da Constituinte, sob risco de provocar o agravamento das divergências internas.

Com a interferência direta do presidente Sarney, o presidente do PMDB e da Constituinte tomou a iniciativa de procurar os líderes (Carlos Chiarelli e José Lourenço (PFL) e Luiz Henrique (PMDB). Ninguém se lembrou de convidar, também, o líder do governo na Câmara, Carlos Santana.

Ulysses Guimarães pediu o maior empenho dos partidos que formam a Aliança Democrática para tentar viabilizar o acordo e votar o regimento interno da Constituinte. O PFL mostrou-se acessível à reabertura das negociações.

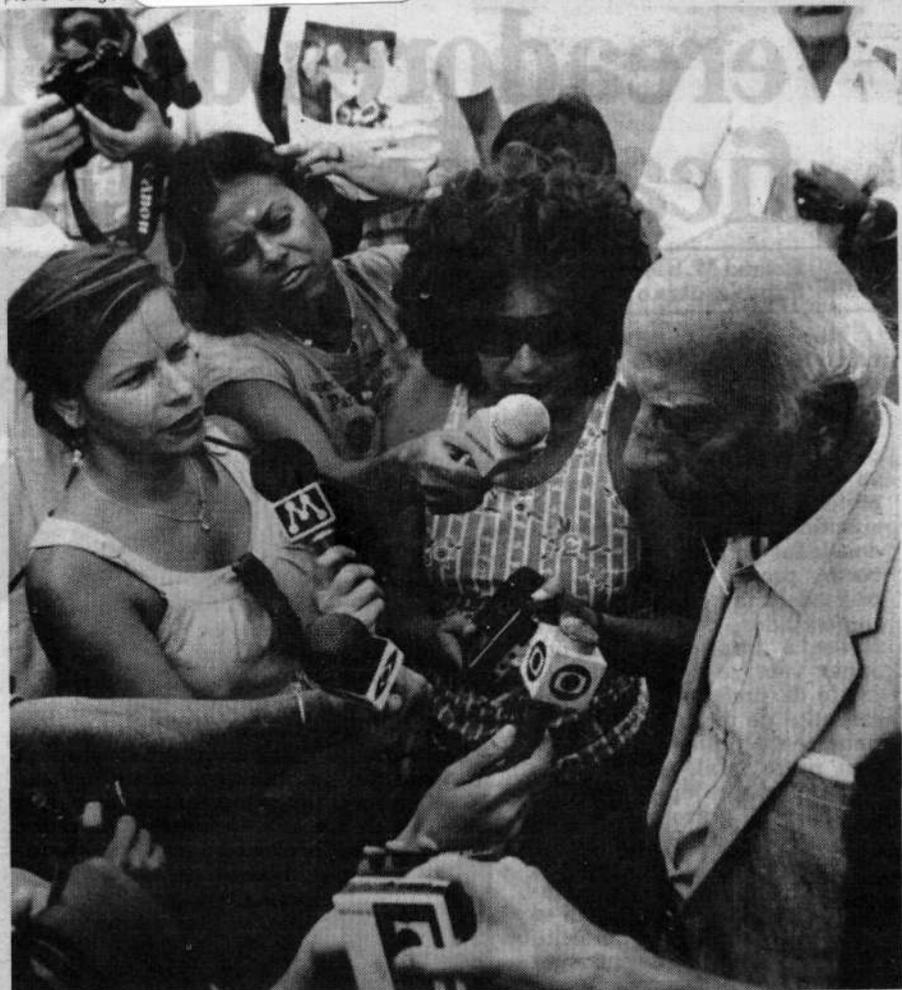
No PMDB, o quadro é mais complicado. O vice-líder do partido, deputado Antonio Britto (RS), um dos mais ativos negociadores, admitiu ontem que nenhum entendimento poderia passar por cima da tese da soberania da Assembléia Constituinte. Lembrou o ex-porta voz de Tancredo Neves que se o PMDB enfrenta dificuldades em reunir 280 votos favoráveis pelo menos, para aprovar a matéria, no PFL as dificuldades são uma vez e meia maiores. A bancada é de 132 constituintes.

Britto disse, também, que nos últimos dias tem sido muito difícil manter contatos com os coordenadores do «grupo pró-soberania» para discutir a proposta de incluir na emenda do relator Fernando Henrique Cardoso a emenda Maurílio Ferreira Lima.

O líder do PMDB, deputado Luiz Henrique (SC), admitiu que «está em trânsito» a proposta de juntar a emenda Maurílio Ferreira Lima, mediante pedido de destaque, para inclusão ao texto definido pelo relator Fernando Henrique. Haveria o projeto e decisão para regular matéria de relevância à Constituinte, mas apenas com objetivo de «sobrestar medidas que possam ameaçar os trabalhos e as decisões soberanas» da Assembléia. O projeto de decisão necessitaria do apoio de um terço do plenário para ser apresentado.

A Comissão de Sistematização daria parecer a cada projeto, mas sem a competência de arquivá-lo, se o relator opinasse contra.

Além disso, o PFL faz outras exigências, como a de não colocar em recesso branco a Câmara e o Senado.



Ulysses discutiu por mais de 3 horas a crise da Aliança com Sarney

Ulysses namora com Sarney e come churrasco

Um encontro de namorados. Assim o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, definiu a conversa que teve ontem com o presidente Sarney no sítio José do Pericumã, durante três horas e meia, onde comeram churrasco e discutiram a crise da Aliança Democrática e a situação econômica do país. Segundo Ulysses, o presidente não falou em reforma ministerial "porque ele está muito preocupado com os problemas econômicos".

Para o presidente da Constituinte, as conversas que o PMDB e o PFL vêm tendo confirmam que a regra é o entendimento, embora na tentativa de votação do regimento interno da Constituinte ele não tenha ocorrido. Pelas conversas que já teve com o PFL, Ulysses diz que aposta no consenso para votar um regimento que sirva à formulação de uma Constituição progressista e moderna. Para chegar a esse entendimento, Ulysses Guimarães explica que só resta "esperar a terça-feira", referindo-se aos encontros que continuará tendo durante a semana do

carneval e recesso dos constituintes.

Na prática, Ulysses Guimarães confirmou que está sendo trabalhada a emenda do deputado Maurílio Ferreira Lima, que "pode ser próspera para o entendimento". Para o presidente da Constituinte, a maioria dada nas urnas ao PMDB significa que o partido tem apoio popular, atua em cima de princípios e compromissos, portanto, deve trabalhar pela manutenção da Aliança Democrática. "Que existem discordâncias", diz, "é normal no processo democrático, mas no essencial o entendimento deve prevalecer — o presidente governa e nós damos apoio".

Segundo Ulysses, os baixos índices de popularidade do presidente, divulgados ontem, não o preocupam e citou o caso de São Paulo, na eleição de Orestes Quêrcia, quando pouco diziam que acreditavam e ele saiu eleito. E defendeu: "O governo é social, as medidas tomadas por ele são de interesse social. Passada essa fase de ajustes a população vai entender as razões das medidas".

PMDB tem nova ala: a dos "moderadores"

Ricardo Holanda

Movidos por interesses vários que vão desde a reforma ministerial ao controle das decisões partidárias, as principais lideranças políticas do PMDB começam a retalhar a bancada de 306 constituintes em três fortes blocos ideológicos e pragmáticos. As já tradicionais alas moderada e progressista, e um terceiro grupo, ainda embrionário, reunindo ex-governadores e parlamentares liberais que pretendem tornar-se o fiel da balança de Poder no PMDB. O grupo "moderador".

Moderados e moderadores buscam tornarem-se sozinhos a bancada de confiança do presidente da República dentro do PMDB. Em contrapartida, aguardarão e exigirão que as benesses oficiais sejam espargidas sobre suas cabeças pelo governo. Mas os progressistas não querem perder o trem. O deputado Luis Henrique (PMDB/SC), líder do partido da Câmara, da esquerda partidária, admite a luta interna mas lembra que o governo necessita da unidade peemedebista. "Nenhum governo existe sem apoio parlamentar" — argumentou, defendendo o quinhão de poder que cabe à ala progressista.

Por sua vez, o senador Alfredo Campos (PMDB/MG), ex-líder peemedebista, do grupo conservador, e que busca uma indicação para o ministério, reconhece o surgimento de três blocos no partido. "Estão caracterizados o grupo conservador e o radical, além de um terceiro grupo pequeno que votará cada momento com um deles. Pelas contas do ex-líder, essa nova ala — os moderadores — conseguirá congregar, "no máximo, 50 constituintes". "Não tem como ser grande", explicou. O deputado Roberto Cardoso Alves

(PMDB-SP), um dos líderes dos moderados, anunciou na quinta-feira antes de se encontrar com o presidente Sarney, no Palácio do Planalto, que "o bloco moderado ainda não voltou, mas vai voltar". Ele pretende que seu grupo dê sustentação política e torne-se a bancada do líder do governo na Câmara, deputado Carlos Santana (BA). "Vamos tentar repetir o mesmo tipo de articulação que foi feita em relação à candidatura Tancredo Neves, para Sarney durante a Constituinte", frisou o deputado paulista, depois de afirmar que "têm de ser feitas algumas modificações no governo".

Apesar de estar sendo acusada de ter traído o governo, a esquerda peemedebista rejeita qualquer possibilidade de não vir a sustentar o presidente. O deputado Antônio Britto (PMDB-RS) ao saber que moderados e moderadores pretendem se intitular como as bancadas de confiança do Planalto, disparou: "E nós, desde quando não o somos?" O deputado Euclides Scalco (PMDB-PR) ligado ao presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães, defende o fortalecimento do bloco moderador, explicando que não se trata de uma tentativa adesista. "Temos que trabalhar em cima do governo. Não é adesismo". Mordaz, o deputado Virgildásio de Sena (PMDB-BA), da esquerda, critica seus colegas. "São os neofisiologistas", denuncia. O parlamentar baiano, irônico, diz que o apoio ao governo "funciona e dá dividendos".

O grupo moderador traz em seu bojo grande número de deputados e senadores ligados a Ulysses Guimarães. Entre eles os deputados Pimenta da Veiga (MG), Fernando Gasparian (SP) e Heráclito Fortes (PI). Outros, como os senadores Gérson Camata (PMDB-ES),